

**Resenha**  
**DESOBEDECER, de Frédéric Gros**

*Flavia D'Urso \**

<http://dx.doi.org/10.23925/2318-3160.2019v7i2a12>

---

\* *Doutora em Filosofia Política e Mestre em Direito Processual Penal pela PUC/SP. Defensora Pública aposentada.*

Diante da irracionalidade, do desespero da ordem atual, não seria evidente desobedecer?

Nós aceitamos o inaceitável?

Estas amargas indagações iniciam o mais inquietante livro de Frédéric Gros (“DESOBEDECER”, São Paulo: UBU Editora, 2018, 244 p.).

As interrogações, porém, que provocam inicialmente o leitor, são pretextos para imediatamente convocarem a uma imersão filosófica acerca do tema da desobediência. O convite do autor faz emergir uma urgência para descartar as lamentações sobre uma passividade difusa. Exemplos de luta, nos diz muito rapidamente, não faltam, e deles se ocupa na sua perspicaz trajetória do genial *Discurso da servidão voluntária*, de La Boétie, até os domínios da tecnociência.

É realmente instigante a proposta de inversão de Frédéric Gros quando parte da obediência para uma profunda reflexão sobre as razões da desobediência: a submissão, o conformismo, a subordinação, a desresponsabilização e o consenso transformam-se nas inflexões de rebelião, resistência, transgressão, conflito trágico, responsabilidade e indelegabilidade da ação subjetiva. A cada núcleo temático – e nesse ponto Frédéric Gros jamais se afasta da sua sempre grande referência em Foucault – há uma análise correspondente aos grandes mestres do pensamento. E assim, ele-

gantemente, nos apresenta as correlações da desobediência em Sócrates e Aristóteles, os cínicos e cétricos, La Boétie e *Bartebly* de Herman Melville, a Antígona dos filósofos e Kant iluminista, o escândalo de Dostoieviski e banalidade do mal de Hannah Arendt, e mais Thoreau, Gandhi, Mater Luther King e assim segue.

O jogo de palavras entre *obedecer* e *(des)obedecer* parece se relacionar com uma série de possíveis variações de estilo das subjetivações políticas. Escreve o autor:

*Obedecer, desobedecer significa sempre dar forma a uma própria liberdade.*

E, de fato, é no interior da microfísica do poder que a livre singularidade se constrói. A ética só pode exsurgir de um campo de forças, em um espaço aporético no qual vibram os problemas relacionados a um cuidado de si. E nestas premissas, conclui-se com o autor, reconhecer a urgência de uma indelegável vida digna como antecedente lógico da obrigação de desobedecer.

O paradigma inicial é o da submissão. É desta condição que se arruína a teoria do “pacto republicano” irradiando-se por todas as formas institucionais. Segundo Gros, quando o contrato social é evocado como origem mítica, quando o consentimento se torna uma “metafísica” da convivência social, o sistema legal reduz-se à regulamentação de cada

dissenso, mascarando uma realidade sempre permeada de injustiça e violência. A coragem de nominar esta sua estratégia como *submissão, moral de escravos*, ajuda na percepção de mundo. É preciso estar em alerta: a extensão ilimitada do conceito de submissão, explica o autor, é ambígua porquanto “funciona ao mesmo tempo como vetor de desmistificação política e de mistificação ética”. O sujeito submisso, com efeito, não interioriza totalmente a sua servidão. No limite, a suporta.

Brinda-nos o autor esmiuçando este pensamento: a submissão, qualquer que seja a forma de obediência, é sempre “uma relação histórica de forças”, ainda que precária, arbitrária, contingente e “reversível”. A coragem de saber e a reflexão crítica que se produz no interior das relações intersubjetivas pressupõem a possibilidade de uma prática “que faz tremer a ideia de ordem” ... ”e inquietam definitivamente a hierarquia e os valores”. E insiste: a única forma de obrigação moral aceitável é aquela que acolhe “a possibilidade geral de desobedecer interiormente da mesma forma ética da obediência”.

A fórmula foucaultiana do cuidado de si, prossegue o filósofo, em nenhum modo, se relaciona a uma “referência narcísica” ou individualismo do qual muitas vezes se lê. A expressão “cuidado de si” quer dizer aquele ponto de partida ético do qual se autoriza a “aceitar ou recusar tal ordem, tal decisão, tal ação”.

O texto neste ponto ganha um salto decisivo. Gros adverte que somos todos acostumados a estudar os críticos da democracia e propõe, então, o tempo da democracia crítica, valendo-se de algumas sugestões da filosofia francesa contemporânea. Desde à revalorização dos *universais* a um iluminismo crítico e potente, o autor quer redescobrir a natureza “explosiva, secretamente subversiva” da tradição contratualista, a estrutura “circumspecta e provisória” dos pactos que fundam o ordenamento político moderno sempre expostos a uma reativação contínua dos conflitos e revoltas. A democracia – pontua Gros – não é um procedimento e, tampouco, uma forma jurídica: “não um regime político entre outros mas um processo crítico que a tudo permeia”.

Os nós descobertos em sua análise, o autor mesmo reconhece, têm limites. Seria necessário, explicita, a exploração da dimensão de uma organização social para que de seu interior se desvele a verdadeira política, aquela mesma da desobediência, o “coração da revolução”.

A conclusão deste belo texto perpassa novamente pela subjetividade política. À compreensão do problema seria necessária “a construção da cidade” pela participação política. Aqui a pesquisa de Gros talvez tenha sido reaberta para o limiar da superação do sujeito. A ética deveria desdobrar-se em ontologia social, a ontologia se fazer política e a dinâmica do sujeito articular-se em uma rede de encontros e relações de cooperação

Flavia D'Urso

constitutivas. Mas forças não externas, que fique claro, mas imanentes, de cada singularidade.

A leitura de *Des-obedecer* no Brasil do desespero do estado atual é preciosa. Lê-se como um livro de filosofia clássica. Corajoso e desobediente, como deve ser uma boa filosofia.